

A (in)certeza face ao futuro: o impacto psicossocial do desemprego em jovens com qualificação profissional de nível II e III

ANA MARGARIDA MARTINS, CARLOS GONÇALVES

JOAQUIM COIMBRA³⁸

Centro de Formação Profissional

RESUMO Em Portugal, mais do que em qualquer outro país da Europa, o aumento das diversas formas flexíveis ou instáveis de emprego, como consequência da reestruturação económica, da flexibilização do mercado de trabalho e da intensificação da concorrência na economia global, constitui actualmente um dos aspectos mais marcantes do mercado de trabalho. O crescimento do desemprego e do emprego instável, frequentemente precário, são as questões sociais mais importantes da época em que vivemos (Kovács, 2005). A actividade profissional vai além da simples execução de uma tarefa em produção, assumindo-se como uma das fontes mais importantes e fundadoras de sentido para a vida humana (Coimbra & Gonçalves, 2002). Neste sentido, estar desempregado implica sentir-se improdutivo e cada vez mais destituído de valor (Rifkin, 1996), gerando um sentido de dessocialização progressiva causando uma sensação de falta de identidade pessoal e profissional capaz de por em risco o equilíbrio psicológico. (Peres, Silva & Carvalho, 2003). A faixa etária dos 15

38 ANA MARGARIDA MARTINS: Aluna de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e Saúde da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. E-mail: margaridamartins10@gmail.com.

CARLOS GONÇALVES: Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, membro do Centro de Desenvolvimento Vocacional e Aprendizagem ao Longo da Vida.

JOAQUIM COIMBRA: Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, coordenador do Centro de Desenvolvimento Vocacional e Aprendizagem ao Longo da Vida.

aos 24 anos é a face do desemprego de maior risco nas sociedades ocidentais contemporâneas, ditas desenvolvidas, estando sobre-representados tanto no que diz respeito à desocupação como sub-ocupação no mundo de trabalho. Os jovens, especialmente os que deixaram a escola precocemente com níveis de escolaridade e qualificação profissional baixas, são o grupo alvo desta investigação para a analisar e perceber o impacto psicológico e significados atribuídos ao desemprego. O estudo em desenvolvimento pretende explorar os significados atribuídos ao trabalho à transição para o (des)emprego em sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos e com qualificação profissional de nível II e III. A par, este estudo pretende ainda explorar como estas vivências, transições e significações interferem na satisfação global com a vida.

ABSTRACT In Portugal, more than any other country in Europe, the rise of the various flexible or unstable forms of employment as a result of economic restructuring, the flexibility of the labor market and increased competition in the global economy is now one of the most striking aspect of the labor market. The growth of unemployment and unstable employment, often precarious, are the most important social issues of the day in which we live (Kovács, 2005). The work goes beyond the simple execution of a task in production, taking as a major source and founders of meaning for human life (Coimbra & Gonçalves, 2002). In this sense, being unemployed means to feel unproductive and increasingly devoid of value (Rifkin, 1996), generating a sense of progressive desocialization causing a feeling of lack of personal and professional identity that put in risk the psychological balance (Peres, Silva & Carvalho, 2003). The age range of 15 to 24 years is the face of increased risk of unemployment in contemporary Western societies, so-called developed and are over-represented both as regards unemployment and under-occupation in the world of work. Young people, especially those who left school early with education levels and low professional qualification, are the target group of this research to analyze and understand the psychological impact and meaning attributed to unemployment. The study will explore developing the meanings assigned to work the transition to the (un) employment in subjects aged between 18 and 25 years and the professional qualification of Level II and III. In addition, this study intends to explore how these experiences, transitions and meanings interfere with the overall satisfaction with life.

1. Enquadramento histórico conceptual do problema

Em Portugal, mais do que em qualquer outro país da Europa, o aumento das diversas formas flexíveis ou instáveis de emprego, inseridas nos processos de difusão das tecnologias da informação e comunicação, de reestruturação económica à escala global e flexibilização do mercado de trabalho e de intensificação da concorrência na economia global, constitui actualmente um dos aspectos mais marcantes da esfera do trabalho. O crescimento do desemprego e do emprego instável, frequentemente precário, são as questões sociais mais importantes da época em que vivemos (Kovács, 2005).

Apesar do número de diplomados por ano ter quase duplicado entre 1997/98 e 2005/06, atingindo os 71.828, Portugal continua a ser o segundo país da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) com a menor percentagem de pessoas com formação académica superior, apenas à frente de Itália. Estudos recentes mostram que 40% dos jovens entram ainda no mercado de trabalho na faixa

etária dos 15-17 anos, sem possuir quaisquer qualificações e que, a população entre 17 e 24 anos, tem o trabalho como principal meio de subsistência (Garcia *et al.*, 2000; INE, 2001 cit. in Guerreiro & Abrantes, 2004).

Segundo o relatório mensal do desemprego editado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) em Abril de 2009, o número total de desempregados rondam os 484131, até ao final do mês de Março de 2009, em Portugal Continental e Regiões Autónomas.

QUADRO 1. Análise detalhada do desemprego em Portugal

Género
Mulheres desempregadas 54,7%
Homens desempregados 45,3%
Faixa etária
Menos de 25 anos de idade 67 327
Dos 25 aos 34 anos de idade 115 479
Dos 35 aos 54 anos de idade 212 502
Mais ou igual a 55 anos de idade 88 823
Condição de emprego
À procura do 1º emprego 36 446
À procura de um novo emprego 447 685
Nível de instrução
Sem nenhum nível de instrução 26 698
Básico – 1º Ciclo 140 347
Básico – 2º Ciclo 93 414
Básico – 3º Ciclo 97 294
Secundário 85 418
Superior 40 960
Desempregados (total) 484 131

Segundo Davidson & Gilbert (1993), na cultura dominante das sociedades ocidentais, o trabalho desempenha um papel fulcral na forma como as pessoas vivem as suas vidas e constroem os seus significados. Consequentemente, a definição pessoal e social dos indivíduos surge como resultante da sua actividade laboral e respectivo desempenho de papéis profissionais (cit. in Parada & Coimbra, 2008). Por outro lado, o emprego designa o lugar que é ocupado pelos indivíduos na sociedade com o objectivo de realizar um trabalho, em troca de uma retribuição. Mais do que uma situação jurídica, define um lugar ocupado na sociedade, uma posição social. É relativamente consensual que, trabalho e emprego, são sinónimos na sociedade industrial, tratando-se de uma actividade central que estrutura a vida dos indivíduos e a vida social em geral.

Para além do desemprego ser um problema económico, social e político, converte-se também num problema psicológico. A literatura revista tem evidenciado que o desemprego acarreta uma série de consequências psicológicas. Assim, os desempregados experienciam, maioritariamente, um desajuste emocional (*emotional distress*), elevados níveis de ansiedade e depressão, baixa auto-estima, locus de controlo externo e um mal-estar significativo (Feather & Barber, 1983; Jackson, Stafford, Banks & Warr, 1983; Warr, 1984; Feather & O'Brien, 1986; Reynolds & Gilbert, 1991; Hamilton, Hoffman, Broman & Rauma, 1993; Fraccaroli, Blanc, & Hajjar, 1994; Nurmi, Salmela-Aro, & Ruotsalainen, 1994; Goldsmith, 1996; Jackson, 1999; Kokko, Pulkkinen & Puustinen, 2000; Prause & Dooley, 2001; McKee-Ryan, Song, Wanberg & Kinicki, 2005; Vansteenkist, Lens, De Witte & Feather, 2005). Além disto, os desempregados não são reconhecidos socialmente e, por isso, são acometidos por um sofrimento psicológico marcante – associado à exclusão e à segregação – que influencia, negativamente, as representações que esses sujeitos fazem de si, uma vez que o trabalho é o principal mediador da realização social do ego e não há, actualmente, nada que possa substituí-lo nessa função (Dejours, 1992; 1999 cit. in Peres, Silva & Carvalho, 2003). O emprego é bem mais do que uma fonte de rendimento, é frequentemente uma medida do valor pessoal. Estar desempregado é sentir-se improdutivo e cada vez mais destituído de valor (Rifkin, 1996), gerando um sentido de dessocialização progressiva causando sofrimento psicológico (Peres, Silva & Carvalho, 2003). Assim, a ausência de emprego, além de inviabilizar economicamente a sobrevivência do indivíduo, causa uma sensação de falta de identidade capaz de por em risco o equilíbrio psicológico.

A transição para a vida activa é um fenómeno intrincado, composto por um conjunto de formas sociais de entrada no trabalho e estruturado não só pelos indivíduos, mas também pelo espaço familiar, pela esfera produtiva e ainda, pelos conhecimentos e relações intergeracionais (Martins, Arroiteia & Gonçalves, 2002; Jacinto, Wolf, Bessega & Longo, 2005). Desse ponto de vista, os jovens são um dos grupos

populacionais que se encontra numa situação mais implexa, em especial aquando da transição da escola para o mundo do trabalho, face à desestandardização crescente dos percursos que asseguram essa passagem (Azevedo, 1999). Realmente, verifica-se um alongamento no período de tempo compreendido entre a conclusão de uma formação inicial e o primeiro emprego, mas também, uma complexificação e diversificação do próprio acesso e transição profissional, surgindo a relação entre a formação e o emprego como algo co-construído ao longo do tempo, e já não adquirido instantaneamente, através de uma transição linear e unidireccional entre esses dois contextos, sem qualquer dúvida ou obstáculo previsível *a priori* (*ibid.*). Desta forma, hoje em dia, os jovens dispõem não de uma via única de transição familiar, mas de uma grande diversidade de caminhos, culturalmente aceites, que podem (e têm de) escolher. Esta escolha permanece fortemente condicionada pelas disposições e condições facultadas pelos meios sociais em que estão inseridos os jovens. Assim, num contexto de contracção e transformação do mercado de trabalho, essa abertura cultural vê-se, frequentemente, bloqueada pela falta de oportunidades e recursos para realizar os projectos familiares pretendidos. As inseguranças associadas à transição familiar tendem, pois, a ser avaliadas e acentuadas pelos riscos vividos no orbe do trabalho (Guerreiro & Abrantes, 2005). De um modo geral, o trabalho, quer no plano individual, quer no plano social, assume uma multiplicidade de funções e de significados, a partir dos quais, cada pessoa, contínua e permanentemente, constrói e reconstrói a relação que mantém com o mundo (cf. Campos & Coimbra, 1991).

Os elevados números do desemprego juvenil nas sociedades europeias surgem das significativas mudanças políticas e sociais. As consequências negativas do desemprego afectam não só os indivíduos e individualidades, mas também a sociedade em geral (Isengard, 2003). A confrontação com os dados estatísticos permite vincular a precariedade em termos etários e níveis educativos. É notório que os jovens menos escolarizados estão sobre-representados tanto no que diz respeito à desocupação como sub-ocupação no mundo de trabalho. De acordo com Goede, Spruijt, Maas e Duindam (2000) o desemprego juvenil é reconhecido como sendo um sério problema da sociedade, mas envolvendo, igualmente, outras repercussões. Isto porque o ambiente de trabalho propicia momentos de aprendizagem, promoção da iniciativa e desenvolvimento do contacto social. Sendo assim, o desemprego pode ter um impacto negativo no crescimento e saúde mental do indivíduo. O dinheiro obtido através do trabalho reduz a dependência face aos adultos e contribui para o bem-estar da família e para a sociedade em geral. Ora, isto fomenta no jovem sentimentos de autonomia e independência (Hess, Peterson & Mortimer, 1994). Efectivamente, os jovens são mais sensíveis ao impacto negativo do desemprego (Axelsson, Andersson, Edén & Ejlertsson, 2007).

A transição para fora da adolescência é tipicamente definida pela entrada nos papéis de adulto. Contudo, nas sociedades actuais não existe uma idade específica para a entrada nos dois maiores papéis de adultos - trabalho e família. Com efeito, estas transições podem ocorrer em tempos diferentes, dependendo de cada um. Ora, quando o papel de trabalho é significativamente atrasado, consequências negativas podem advir. Segundo Herr e Long (1983 cit. in Hess, Peterson & Mortimer, 1994) os jovens que saem da escola mais cedo (*dropouts*) estão sob um maior risco de desemprego do que aqueles que têm um maior nível escolar. Por sua vez, um atraso na transição da escola para o trabalho pode despoletar um processo de exclusão social com consequências negativas a longo prazo (Goede, Spruijt, Maas & Duindam, 2000; Kieselbach, 1988 cit. in Hess, Peterson & Mortimer, 1994). Algumas das principais causas do desemprego juvenil envolvem um aumento demográfico de jovens a entrar no mundo do trabalho, uma insuficiente educação e experiência profissional e, fracas condições económicas (Levin, 1983 cit. in Hess, Peterson & Mortimer, 1994). No que respeita ao decréscimo na qualidade da educação e experiência profissional, os jovens estão a ser, cada vez menos, preparados e equipados com competências requeridas num mundo de trabalho produtivo e competitivo. Do mesmo modo, Goldsmith (1996) diz que, os jovens, especialmente os que deixaram a escola precocemente, são um atraente grupo de investigação para o estudo das consequências psicológicas do desemprego ou da perda de emprego por três razões. Primeiro, porque a adolescência é um período de excelência no estabelecimento da independência e construção da identidade pessoal. Neste sentido, para quem deixou a escola, encontrar um emprego pode representar uma importante etapa no seu desenvolvimento e estabelecimento da identidade adulta. Segundo, porque uma entrada precoce no mercado de trabalho pode ocasionar a aquisição de aprendizagens e experiências de trabalho. Terceiro, porque o número de desempregados que circunda a faixa etária dos 16-24 anos é muito expressivo. Efectivamente, os jovens que deixam a escola com 16 anos têm uma grande probabilidade de passar alguns anos desempregados. Com isto, surgem algumas consequências como o decréscimo da saúde psicológica e a redução do compromisso com o mundo de trabalho por parte dos jovens desempregados. Inevitavelmente, os jovens perdem o interesse pelo trabalho e preferem ter uma vida sem trabalho (Warr, Banks & Ullah, 1985).

A teoria proposta por Jahoda tem dominado a investigação e os esforços para explicar o decréscimo do bem-estar dos desempregados. Esta teoria baseia-se na assumpção de que o trabalho pago desempenha dois tipos de funções: a função manifesta, concernente à retribuição financeira decorrente o exercício de uma actividade profissional e, cinco funções latentes, designadamente a imposição de estruturação do tempo, o alargamento de experiências e de actividades desenvolvidas com regula-

ridade fora do contexto familiar, a participação e associação a objectivos e propósitos colectivos, o estímulo à actividade e, por fim, a definição de aspectos acerca do estatuto e identidade pessoais (Jahoda, 1981, 1982).

A teoria da Agência Pessoal de Fryer (*Agency Theory*) (1984; 1988) veio, de certa forma, contrapor a teoria de Marie Jahoda. Fryer (1986) por sua vez argumenta que os seres humanos são seres activos, ágeis e dinâmicos. Logo, na situação de desemprego, a actividade é restringida. Na sua perspectiva, o indivíduo é encarado como activo e diligente, com competência para iniciar actividades, para resolver problemas e tomar decisões, com influência no seu comportamento e com poder para arquitectar planos no futuro. De facto, o indivíduo tem valor próprio, é portador de valores, crenças e propósitos. Não esperando pelo resultado dos acontecimentos, apresenta-se como um ser pro-activo (agente activo), responsável pela sua actuação, procurando ordem e significado nos contextos e nas suas experiências pessoais. Estas características tornam-se limitadas e restritas sob a condição social de desemprego (Fryer, 1988).

As duas perspectivas teóricas acerca do trabalho, emprego, desemprego e bem-estar psicológico não se apresentam como mutuamente exclusivas, antes pelo contrário. Deste modo, as duas teorias potenciam uma melhor compreensão do fenómeno do desemprego se lidas de forma interdependente e complementar.

2. Objecto de estudo, hipóteses e questões de investigação

Tendo em conta os jovens pouco qualificados a que se dirige este estudo e atendendo a toda a contextualização e conceptualização apresentadas no capítulo anterior, define-se como objectivo primordial da presente investigação explorar o significado psicológico referente à percepção pessoal de privação no acesso aos benefícios tradicionalmente cumpridos pelo trabalho em jovens desempregados com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos e com qualificação profissional de nível II e III. A par, este estudo pretende ainda explorar como estas vivências, transições e significações interferem na satisfação global com a vida/ bem-estar subjectivo.

A revisão da literatura, concretizada pelo esforço de conceptualização e contextualização da problemática e, ainda pela resultante definição dos principais objectivos de investigação, redundaram na formulação de 3 hipóteses e 2 questões de investigação orientadoras do trabalho que aqui se apresenta:

Hipótese 1

Os desempregados não integrados em nenhum programa de formação ou emprego apresentarão níveis mais elevados de percepção de privação no acesso aos benefícios

manifestos e latentes do trabalho e níveis mais baixos de satisfação com a vida/bem-estar subjectivo do que os desempregados integrados em programas ocupacionais do IIEFP ou formação profissional.

O emprego pode promover experiências positivas partilhadas fora do contexto de trabalho, no seio do desenvolvimento de redes sociais, que funcionam dentro do tempo de lazer (Jahoda, 1982). Por seu turno, o desemprego pode levar à diminuição das oportunidades de contacto social e da partilha de experiências e saberes, redundando inevitavelmente numa redução das redes de relações de apoio social (Goede, Spruijt, Maas & Duindam, 2000). Por isto, é de esperar que os desempregados integrados em programas de formação profissional ou ocupacionais do IIEFP experienciem menos os efeitos latentes da privação de contacto e participação social, já que encontram-se associados a uma ocupação formativa ou laboral. Por consequência, apresentarão níveis superiores de satisfação com vida/ bem-estar subjectivo, comparativamente aos desempregados que não estão inscritos em nenhum programa de formação ou emprego. Donovan e Oddy (1982 in Hess, Peterson & Mortimer, 1994; Julkunen, 2001; Waters & Moore, 2002b), concluíram que os jovens desempregados que estabelecem pouco contacto social apresentam um pior ajustamento psicológico.

Hipótese 2

Os desempregados que vivenciem experiências de desemprego mais longas apresentarão níveis mais elevados de percepção de privação no acesso aos benefícios manifesto e latentes do trabalho e níveis mais baixos de satisfação com a vida/ bem-estar subjectivo.

Warr e Jackson (1985, 1987) indicam que os efeitos negativos do desemprego desenvolvem-se rapidamente nos primeiros três meses que se seguem à perda de emprego e estabilizam cerca de seis meses após o início do desemprego. Portanto, a duração da experiência de desemprego é uma variável mediadora no processo de significação por parte dos indivíduos que com ela se confrontam. Hepworth (1980) sugere que a saúde mental e o bem-estar diminuem com o aumento da duração do desemprego. Efectivamente, os desempregados de longa duração tendem a apresentar níveis mais elevados de privação económica e experiencial, em que a privação financeira se assume como dimensão mais relevante, por contraste com o que acontece em experiências mais curtas, onde a privação na estruturação do tempo assume preponderância (Waters & Moore, 2002b). Neste sentido, espera-se que os indivíduos desempregados que se encontram há mais tempo em situação de desemprego apresentem níveis mais elevados de percepção de privação no acesso aos benefícios do trabalho e níveis mais baixos de satisfação com a vida/ bem-estar subjectivo do que aqueles que se encontram há menos tempo nessa situação.

Hipótese 3

Os desempregados que se encontram à procura de um novo emprego apresentarão níveis mais elevados de percepção de privação no acesso aos benefícios manifestos e latentes do trabalho e níveis mais baixos de satisfação com a vida/ bem-estar subjectivo do que os não-empregados.

Considerando que o trabalho é a instituição social que permite primordialmente o acesso aos benefícios manifestos e latentes que Jahoda considera fundamentais na experiência e bem-estar dos indivíduos (Jahoda, 1981, 1982, 1992) é esperado que os jovens que procurem um novo emprego experienciem níveis mais elevados de percepção de privação no acesso aos benefícios do emprego, para além de níveis baixos de satisfação com a vida/ bem-estar subjectivo. Assim sendo, a situação de desemprego na adolescência ou idade emergente poderá ter consequências negativas na estrutura psicológica do futuro adulto (Fend, 1994). No entanto, segundo Julkunen (2001) o período do desemprego pode ser positivamente construtivo caso os jovens aproveitem este compasso de espera para desenvolver recursos pessoais ou procurar um novo trabalho. O impacto psicológico do desemprego parece assim estar relacionado com a forma como os desempregados usam o seu tempo. Com efeito, um jovem desempregado sente um ressentimento face à dependência económica dos pais quando aquilo que ele desejava era ser independente. Efectivamente, quando o jovem já foi independente financeiramente e já teve um emprego, sente mais o efeito manifesto da privação económica subjacente aos benefícios do emprego (Eisenberg & Lazarsfeld, s/d). No estudo realizado por Archer e Rhodes (1993), os aspectos que mais afectam, psicologicamente, um indivíduo desempregado são a falta de recursos financeiros.

Questão 1

Haverá diferenças nos níveis de privação dos benefícios manifestos e latentes do trabalho e na satisfação com a vida/ bem-estar subjectivo em função das variáveis género, idade e nível de qualificação?

Questão 2

De que modo os jovens adultos que se encontram em situação de desemprego ocupam o seu tempo, isto é, quais as actividades significativas que realizam e qual a frequência dos seus comportamentos de procura de emprego?

A amostra será constituída por desempregados, inscritos no IIEFP, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, com qualificação profissional de nível II e III. Os desempregados serão divididos da seguinte forma: desempregados não integrados em nenhum programa de formação ou emprego; desempregados integrados em for-

mação profissional; desempregados integrados em programas ocupacionais do IIEP; desempregados à procura do primeiro emprego (não-empregados) e desempregados à procura de um novo emprego.

3. Futuros desenvolvimentos

A presente investigação encontra-se na fase de aperfeiçoamento metodológico, mais propriamente, na selecção definitiva dos instrumentos a utilizar e no estabelecimento de pontes comunicacionais com as instituições onde de vai recolher a amostra de desempregados com qualificação profissional de nível II e III. Posteriormente, pretende-se fazer a recolha e análise dos dados estatísticos e daqui retirar conclusões e implicações terapêuticas no trabalho com jovens, acometidos a um sofrimento psicológico decorrente de uma situação menos favorável face ao (des)emprego.

Não há dúvida que a faixa etária dos 15 aos 24 anos é a face do desemprego de maior risco nos países industrializados. Assim, o desemprego, torna-se, a olhos vistos, um problema dos jovens. Mais do que compreender a natureza da crise do (des)emprego, é importante percebermos o que significa para os jovens estar fora do mundo de trabalho. As consequências pessoais e sociais do desemprego sofridas pelos jovens, vão para além de um extenso período de dependência ou diminuição do bem-estar. O que distingue o desemprego jovem do adulto é a forma como este afecta as cruciais transições de vida e o desenvolvimento psicológico. O desemprego involuntário causa severas consequências psicológicas ao nível do bem-estar do indivíduo. Neste sentido, para minimizar os efeitos latentes e manifestos do desemprego, é útil ao jovem assumir uma atitude proactiva, arrojada e empreendedora, desviando-se da passividade e resignação (Warr & Jackson, 1987 cit. in Walsh & Jackson, 1995). Num estudo levado a cabo por Julkunen (2001), o período do desemprego pode ser positivamente construtivo caso os jovens aproveitem este compasso de espera para desenvolver recursos pessoais ou procurar um novo trabalho. O impacto psicológico do desemprego parece, então, estar relacionado com a forma como os desempregados usam o seu tempo.

O mundo globalizado de hoje parece estar a passar, em última análise, por um momento crucial da sua história, visto que as metamorfoses do trabalho tornaram praticamente insustentável a sobrevivência de um grande número de desempregados. Como pode o ser humano desenvolver uma narrativa da identidade e história de vida composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam preferivelmente a experiência de drifts no tempo, de lugar para lugar, de trabalho para trabalho... É necessário avaliar o desemprego tendo em conta o actual mercado

de trabalho e a normalização da incerteza (Devadason, 2007) Os jovens adultos constroem a coerência da sua narrativa fora das histórias descontínuas, não-lineares do emprego? Ou, no processo prolongado para a transição adulta um estado do fluxo e de incerteza transformam-se numa norma?

A estas e outras questões, deixadas em aberto, esta investigação propõem-se dar possíveis contributos de compreensão desta complexa realidade em futuros desenvolvimentos.

Bibliografia

- Almeida, M. (2002). *Stress e Qualidade de Vida dos Doentes nos Cuidados Intensivos*. Tese de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Amorim, M. (1999). *Qualidade de vida e coping na doença crónica: Um estudo em diabéticos não insulíndependentes*. Tese de Mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto.
- Alves, N. (1998). Escola e trabalho: Atitudes, projectos e trajectórias, In M.V. Cabral & J.M. Pais (Eds), *Jovens Portugueses de Hoje*, (pp.55-133). Oeiras: Celta.
- Archer, J. & Rhodes, V. (1993). Bereavement and reactions of job loss: A comparative review. *British Journal of Social Psychology*, 84, 395, 395-410.
- Arnett, J.J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: a response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9, 1, 111-123.
- Axelsson, L., Andersson, H.L., Edén, L & Ejlertsson, G. (2007). Inequalities of quality of life in unemployed young adults: A population-based questionnaire study, *International Journal for Equity in Health*, 6, 1-9.
- Azevedo, J. (1999). *Voos de borboleta: escola, trabalho e profissão*. Porto: Edições Asa.
- Bauman, Z. (2001). *La sociedad individualizada*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (2003). *A construção social da realidade - tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Castells, M. (1996/2002). *A era da informação: Economia, sociedade e cultura – A sociedade em rede*, vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (1996/2002). *A era da informação: Economia, sociedade e cultura – A sociedade em rede*, vol. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Campos, B. P. & Coimbra, J. L. (1991). Consulta Psicológica e Exploração do Investimento Vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- Coimbra, J.L. & Gonçalves, C. (2002). *Significados construídos em torno da experiência profissional/trabalho*. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional de Formação Norte de Portugal/Galiza: Integração das Políticas e Sistemas de

- Educação e Formação – Perspectivas e Desafios. Porto: Acedido em Junho de 2008 em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/imprimir.php?codigo=A0119>.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R. & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Devadason, R. (2007). Constructing Coherence? Young Adults Pursuit of Meaning through Multiple Transitions between Work, Education and Unemployment, *Journal of Youth Studies*, 10, 203-221.
- Eisenberg, P. & Lazarsfeld, P. (1938). The psychological effects of unemployment, *Psychological Bulletin*, 35, 358-390.
- Elias, N. (2004). *A sociedade de indivíduos* (2ª Ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Feather, N. T. & Barber, J. G. (1983). Depressive Reactions and Unemployment, *Journal Abnormal Psychology*, 92, 185-195.
- Feather, N. T. & O'Brien, G. (1986). A longitudinal study of the effects of employment and unemployment on school-leavers, *Journal of Occupational Psychology*, 59, 121-144.
- Fend, H. (1994). The historical context of transition to work and youth unemployment, in A. C. Peterson & J. T. Mortimer (Eds), *Youth Unemployment and Society*, vol. I (pp.77-94). Cambridge: University Press.
- Fernandes, A. T. (2006). *Monotonia democrática e diluição das regulações sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, V. & Mirás, M. T. (2008). *O sofrimento psíquico do desempregado na contemporaneidade*. Acedido em Junho de 2009 e disponível em www.psicologia.com.pt.
- Fraccaroli, F., Blanc, A. & Hajjar, V. (1994) Social self description and affective well-being in young unemployment people: A comparative study. *European Work and Organizational Psychologist*, 4, 2, 81-100.
- Fryer, D. & Payne, R. (1984). Proactive behavior in unemployment: findings and implications. *Leisure Studies*, 3, 273-295.
- Fryer, D. & Payne, R. (1986). Being unemployed: a review of the literature on the psychological experience of unemployment. In C. L. Cooper & I. Robertson (Eds.). *International Review of Industrial and Organizational Psychology* (pp. 235-277). New York: Wiley.
- Fryer, D. (1988). The experience of unemployment in social context. In S. Fisher & J. Reason (Eds.). *Handbook of life stress, cognition and health* (pp. 211-238). Great Britain: John Wiley & Sons.
- Furnham, A. (1994). The psychosocial consequences of youth unemployment, in A. C. Peterson & J. T. Mortimer (Eds), *Youth Unemployment and Society*, vol. I, (pp.199-223). Cambridge: University Press.
- Giacomoni, C.H. (2004). Bem-estar subjectivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, 12 (1), 43-50.
- Giddens, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gitter, R. J. & Scheuer, M. (1997). U.S. and German youths: unemployment and the transition from school to work, *Montley Labour Review*, 16-20.
- Goede, M., Spruijt, E., Maas, C. & Duindam, V. (2000). Family problems and youth unemployment, *Adolescent*, 35, 139, 587-601.
- Goldsmith, A. H. (1996). The psychological impact of unemployment and jobless. *Journal of Social-Economics*, 25, 333-358.
- Guerreiro, M.D. & Abrantes, P. (2005). Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20, 58, 157-212.
- Hamilton, L., Hoffman, W., Broman, C. & Rauma, D. (1993). Unemployment, distress, and coping: A panel study of Autoworkers, *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 234-247.
- Hepworth, S. (1980). Moderating factors of psychological impact of unemployment. *Journal of Occupational Psychology*, 53, 139-146.
- Hess, L. E., Peterson, A. C. & Mortimer, J. T. (1994). Youth, unemployment and marginality: The problem and the solution, in A. C. Peterson & J. T. Mortimer (Eds), *Youth Unemployment and Society*, vol. I, (pp. 3-33). Cambridge: University Press.
- Instituto do Emprego e da Formação Profissional (2009). *Estatísticas mensais - Março 2009*, Lisboa: Gabinete de Estudos e Avaliação.
- Isengard, B. (2003). Youth unemployment: Individual risk factors and institutional determinants. A case study of Germany and the United Kingdom. *Journal of Youth Studies*, 6, 357-376.
- Jacinto, C., Wolf, M., Bessega, C. & Longo, M. (2005). *Jóvenes, precariedades y sentidos del trabajo*. Comunicação apresentada no VII Congresso de ASET. 7.º Congresso Nacional de Estudios del Trabajo. Acedido em Julho de 2009 e disponível em <http://www.aset.org.ar>.
- Jackson, T. (1999). Differences in psychological experiences of employed, unemployed and student samples of young adults. *Journal of Psychology*, 133, 1, 49-60.
- Jackson, P. R., Stafford, E. M., Banks, M. & Warr, P. (1983) Unemployment and Psychological Distress in Young People: The Moderating Role of Employment Commitment, *Journal of Applied Psychology*, 68, 3, 525-535.
- Jacob, M. (2008). Unemployment benefits and parental resources: what helps the young unemployed with labour market integration?, *Journal of Youth Studies*, 11, 147-163.
- Jahoda, M. (1981). Work, employment and unemployment. Values, theories and approaches in social research. *American Psychologist*, 36, 2, 184-191.
- Jahoda, M. (1982). *Employment and unemployment: a social-psychological analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jahoda, M. (1992). Reflections on Marienthal and after. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 65, 355-358.
- Julkenen, I. (2001). Coping and mental well-being among unemployed youth – A northern European perspective, *Journal of Youth Studies*, 4, 261-278.
- Kiselbach, T. (1988). Youth unemployment and health effects, *International Journal of Social Psychiatry*, 34, 83-96.

- Killeen, J. (1996). The social context of guidance. In A.G. Watts, B. Law, J. Killeen, J.M., Kidd & M.R. Hawthorn (Eds.), *Rethinking careers education and guidance: Theory, policy and practice*, (pp. 3-22). New York: Routledge.
- Kokko K., Pulkkinen L. & Puustinen, M. (2000). Selection into long-term unemployment and its psychological consequences. *Internacional Journal of Behavior Development*, 24, 3, 310-320.
- Kovács, I. (2002). *As metamorfoses do emprego: Ilusões e problemas da sociedade da informação*. Oeiras: Celta Editora.
- Kovács, J. (2005). Emprego flexível em Portugal: Alguns resultados de um projecto de investigação. In A. Phizacklea, I. Kovács, J.J. Castillo, M.C. Cerdeira & S.F. Casaca (Eds.), *Flexibilidade de emprego: Riscos e oportunidades*, (pp. 11-51) Oeiras: Celta Editora.
- Lowe, G. S. & Krahn, H. (1999). Reconceptualizing youth unemployment. *Social Sciences and Humanities Research Council of Canada*, 8, 201-233
- Lucas, R., Diener, E. & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 452-468.
- Martins, A.M.; Arroiteia, J.C. & Gonçalves, M.M.B. (2002). *Sistemas de (des)emprego: trajetórias de inserção*. Universidade de Aveiro: Unidade de Investigação - construção do conhecimento pedagógico nos sistemas de formação.
- McKee-Ryan, F., Song, Z., Wanberg, C. & Kinicki, A. (2005). Psychological and physical well-being during unemployment: A meta-analytic study, *Journal of Applied Psychology*, 90, 53-76.
- Mocellim, A. (2007). Simmel e Bauman: modernidade e individualização. *Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 4, 101-118.
- Mortimer, J.T. (1994). Individual differences as precursors of youth unemployment, in A. C. Peterson & J. T. Mortimer (Eds), *Youth Unemployment and Society*, vol. 1, (pp.172-198). Cambridge: University Press.
- Muller, J. J.; Creed, P. A.; Waters, L. E. & Machin, M. A. (2005). The development and preliminary testing of a scale to measure the latent and manifest benefits of employment. *European Journal of Psychology Assessment*, 21(3), 191-198.
- Namakforoosh, M. (2000). *Metodología de la investigación*. Balderas: Limusa Noriega Editores.
- Neto, F. (1997). Escala de Satisfação com a Vida: Propriedades Psicométricas numa amostra de adolescentes. In F.F. Neto (Ed.), *Estudos de Psicologia Intercultural: Nós e os Outros*. (pp.347-359). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- Nurmi, J., Salmela-Aro, K. & Ruotsalainen, H. (1994). Cognitive and attributional strategies among unemployment young adults: a case of the failure-trap strategy, *European Journal of Personality*, 8, 135-148.
- O'Brien, & Feather, N. T. (1990). The relative effects of unemployment and quality of employment on the affect, work values and personal control of adolescents, *Journal of Occupational Psychology*, 63, 151-165.

- Parada, F. & Coimbra, J. L. (1999). Sentidos e significados do trabalho no contexto de uma realidade em transformação: o desemprego e as dificuldades de integração profissional dos jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 15/16, 47-57.
- Parada, F. (2007). *Significados e transições para o trabalho em jovens adultos*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Paulino, A. (2007). *(Des)qualificar-se para o trabalho, (re)formar-se no desemprego: Vivências dos jovens adultos diplomados com qualificação superior na transição para o (des)emprego*. Tese de Mestrado em Psicologia. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Peres, R., Silva, J. & Carvalho, A. (2003). Um olhar psicológico acerca do desemprego e da precariedade das relações do trabalho, *Psicologia: Teoria e Prática*, 5, 97-110.
- Prause, J. & Dooley, D. (2001). Favourable employment status change and psychological depression: A two-year follow-up analysis of the national longitudinal survey of youth. *Applied Psychology*, 50, 2, 282-304.
- Rematozo, M. (2005). *Trabajo, subjetividad y acción: desempleo, sentidos y acción colectiva*. Comunicação apresentada no VII Congresso de ASET. 7.º Congresso Nacional de Estudios del Trabajo. Acedido em Julho de 2009 e disponível em <http://www.aset.org.ar>.
- Reynolds, S. & Gilbert, S. (1991). Psychological impact of unemployment: interactive effects of vulnerability and protective factors on depression, *Journal of Counseling Psychology*, 38, 1, 76-84.
- Ribeiro, J. (1994). A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde. *Análise Psicológica*, 2-3 (XII), 179-191.
- Ribeiro, J. (2007a). *Introdução à psicologia da saúde* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- Ribeiro, M. (2007b). *A vivência do desemprego na meia-idade e as suas consequências psicossociais*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Ribeiro, J. (2009). A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde. In: J.P. Cruz, S.N. de Jesus, & C. Nunes (Coords.). *Bem-Estar e Qualidade de Vida* (pp.31-49). Alcochete: Textiverso.
- Rodrigues, M. (2007). *Qualidade de vida e satisfação com os cuidados recebidos das doentes com carcinoma da mama em tratamento com quimioterapia por via endovenosa*. Tese de Mestrado não publicada, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Rifkin, J. (1995/1996). *O fim dos empregos: O declínio inevitável dos níveis de emprego e a redução da força global de trabalho*. São Paulo: Makron Books.
- Robert, F. & Eckhardt, B. (1984). A social and psychiatric survey of unemployment among young people, *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 18, 135-145.
- Santos, T. (2008). *Qualidade de vida em crianças: factores pessoais e sociais promotores da qualidade de vida*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

- Schlanger, J. (1997). *A Vocação Moderna – Ciência e Arte como Realização*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Schwarz, N. & Strack, F. (1999). Reports of subjective well-being: Judgmental processes and their methodological implications. In Kahneman, D., Diener, E. & Schwarz, N. (Eds.). *Well-Being: The Foundations of Hedonic Psychology* (pp.61-83). New York, Russel Sage Foundation.
- Schwefel, D. (1986). Unemployment, health and health services in German speaking countries, *Social Science & Medicine*, 22, 409-430.
- Seidl, E. & Zannon, Z. (2004). Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 20 (2), 580-588.
- Suarez, S.G. (2005). *Jóvenes, trabajo y nuevas subjetividades*. Comunicação apresentada no VII Congresso de ASET. 7.º Congresso Nacional de Estudios del Trabajo. Acedido em Julho de 2009 e disponível em <http://www.aset.org.ar>.
- Torrado, S. (1991). *Educación de adultos y calidad de vida*. Barcelona: El Roure Editorial.
- Vansteenkist, M., Lens, W., De Witte, H. & Feather, N. T. (2005). Understanding unemployed people's job search behavior, unemployment experience and well-being: A comparison of expectancy-value theory and self-determination theory, *British Journal of Social Psychology*, 44, 269-287.
- Walsh, S. & Jackson, P. R. (1995). Partner support and gender: Contexts for coping with job loss, *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 68, 253-268.
- Warr, P. & Parry, G. (1982). Paid employment and women's psychological well-being. *Psychological Bulletin*, 91, 3, 498-516.
- Warr, P. (1984). Job loss, unemployment and psychological well-being. In V. L. Allen & E. Van de Vliert (Eds.). *Role transitions: explorations and explanations*. New York: Plenum Press.
- Warr, P., Banks, M. & Ullah, P. (1985). The experience of unemployment among black, white and urban teenagers, *British Journal of Psychology*, 76, 75-87.
- Warr, P. & Jackson, P. (1985). Factors influencing the psychological impact of prolonged unemployment and re-employment. *Psychological Medicine*, 15, 795-807.
- Warr, P. & Jackson, P. (1987). Adapting to the unemployed role: A longitudinal investigation. *Social Science Medicine*, 25, 1219-1224.
- Waters, L. & Moore, K. (2002a) Reducing latent deprivation during unemployment: the role of meaningful leisure activity. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 75, 15-32.
- Waters, L. & Moore, K. (2002b) Predicting self-esteem during unemployment: the effect of gender, financial deprivation, alternate roles, and social support. *Journal of Employment Counseling*, 39, 171-189.
- Winefield, A. H., Tiggemann, M. & Winefield, H. (1991). The psychological impact of unemployment and unsatisfactory employment in young men and women: Longitudinal and cross-sectional data, *British Journal of Psychology*, 82, 473-486.